

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Gazeta Mercantil Class.: 76
 Data 12/05/92 Pg.: 1

Lutzenberger apóia 4468. restrições ao mogno

por Celso Pinto
 de Londres

O ex-secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger voltou a fazer graves denúncias num foro internacional, desta vez através de uma carta de apoio a um movimento, em Londres, pela restrição à importação de madeiras tropicais, especialmente o mogno brasileiro.

Lutzenberger diz que o comércio de mogno e outras madeiras tropicais "está fora de controle" no Brasil e que "a maioria" da madeira exportada neste ano virá, ilegalmente, de reservas indígenas ou biológicas. Os madeireiros "tiveram sucesso em romper muitas das pessoas encarregadas da proteção dos índios e das florestas", ataca o ex-secretário.

Sua conclusão: "Minhas tentativas de parar suas (dos madeireiros) atividades ilegais foram parcialmente responsáveis pela minha demissão".

A carta de Lutzenberger veio engrossar o coro de protesto de duas organizações ambientalistas, o Friends of the Earth e a Survival International, que organizaram ontem uma manifestação na porta da Federação do Comércio Madeireiro (FCM) da Grã-

Bretanha pedindo restrições à importação. A manifestação, por sua vez, coincidiu com a apresentação, ontem à noite, pela BBC, de um documentário denunciando a invasão de reservas indígenas e biológicas no Brasil para extrair mogno exportado para a Grã-Bretanha.

A manifestação foi pequena, não mais de vinte ativistas e jornalistas, mas o barulho na opinião pública é considerável. Pressionada pelos ambientalistas, a FCM lançou, em 1989, uma campanha, "Florestas para Sempre", tentando uma contra-ofensiva alegando que a madeira comercializada vem de fontes sustentáveis.

O mogno brasileiro está no centro da polêmica. A Grã-Bretanha importa 52% do mogno exportado pelo Brasil. Em 1991, o país importou 63 mil metros cúbicos de madeiras brasileiras, dos quais 48 mil de mogno. No ano anterior, a importação de mogno foi ainda maior: 62 mil metros cúbicos.

A denúncia dos ambientalistas, apoiada num estudo feito por George Monbiot, do Friends of the Earth, responsável pelo programa da BBC, é que o comércio de mogno tem um efeito devastador sobre

os índios e para o meio ambiente. Monbiot disse a este jornal que 46 reservas indígenas ou biológicas foram invadidas pelos madeireiros e são a principal fonte para a exportação.

A razão é econômica: enquanto nessas reservas encontram-se ainda três a quatro mognos por hectare, na floresta sua densidade se reduziu a uma árvore por dez hectares, segundo Monbiot. Nesse processo, os madeireiros acabam destruindo reservas pela abertura de estradas e derrubada de outras árvores, e populações indígenas, pela disseminação de doenças e conflitos, incluindo assassinatos por pistoleiros. O trabalho de Monbiot reúne um razoável número de evidências para provar essas alegações.

(Continua na página 18)

Desde a última quarta-feira, o Banco do Estado de São Paulo (Banespa) forma parte de uma extensa rede de instituições financeiras comprometidas com as questões ambientais, ao assinar uma carta de princípios proposta pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. O documento foi adotado por 29 bancos que atendem a 50 milhões de clientes.

(Ver página 17)

PRODUTOS FLORESTAIS

Lutzenberger...

por Celso Pinto
de Londres

(Continuação da 1ª página)

Os comerciantes de madeira usam duas linhas de contra-argumentação. De um lado, garantem que só compram madeira legalizada. De outro, argumentam que não cabe a eles "ditar leis a governos soberanos" sobre a proteção de populações indígenas, como argumenta Terence Mallinson, presidente da "Florestas para Sempre", da FCM.

"Nós não rompemos a lei aqui ou em qualquer outro país", insistiu a este jornal o diretor do "Florestas para Sempre", Michael James. As denúncias dos ambientalistas, sustenta, são normalmente um conjunto de "alegações não provadas".

No caso do Brasil, as duas posições não são necessaria-

mente contraditórias. Monbiat alega que o Ibama, por esquemas de corrupção, fornece documentos forjados ou em branco para os madeireiros legalizarem madeiras extraídas ilegalmente de reservas (que são protegidas pela Constituição). Os importadores podem assegurar que estão comprando madeira legal.

No documentário feito para a BBC, Monbiat filma uma madeireira brasileira, a serraria Banmach, instalada na reserva de Araras, no Pará. A justificativa da empresa é que ela já estava na reserva antes que ela fosse demarcada e o programa cita que a promotoria pública perdeu num processo em que tentou expulsá-la da região.

Os ambientalistas, sabendo das dificuldades em controlar a exploração no Brasil e em outros países tropicais, querem regular a outra ponta, da importação, pela criação de rígido controle sobre a origem da madeira importada. A Grã-Bretanha importa 80% da madeira que consome, segundo James, sendo 10% em madeiras tropicais. O Brasil é o terceiro maior fornecedor, depois da Malásia e da Indonésia, mas é o principal exportador de mogno.

O comércio e a indústria de madeira na Grã-Bretanha querem liberdade para importar, mas aceitam uma maior responsabilidade. Mallinson diz que a FCM aceitou as diretivas da Worldwide Fund for Nature (WWF), hoje implementadas por empresas "responsáveis por 70% da importação de madeira". Entre essas diretivas está o convencimento dos países fornecedores em administrar as florestas de forma responsável e engajar-se no reflorestamento. Mallinson diz que, enquanto essa abordagem "positiva" da WWF tem dado bons resultados, a atitude "confrontacional" do Friends of the Earth não leva a nada.

Pode ser que os ambientalistas não consigam banir a importação de mogno brasileiro, mas é inegável o impacto de denúncias deste tipo sobre a opinião pública e, portanto, os consumidores. Assim como milhares de britânicos estão hoje dispostos a reciclar o uso de sacos de supermercados, comprar aerossóis que não usam CFC ou detergentes biodegradáveis, poderão começar a pensar duas vezes antes de comprar algo como mogno, se se vencerem, como diz o programa da BBC, de que a extração do mogno se dá ao custo da vida de populações indígenas.

No mínimo, haverá mais cuidado em repetir atos como o da ex-primeira-ministra Margaret Thatcher. Apesar de intitular-se, nos últimos anos de seu governo, campeã da defesa ecológica, Thatcher acabou reformando a residência oficial em Downing Street com o uso abundante de enormes painéis feitos de mogno brasileiro.

Gazeta
Mercante

12/05/92 p 17

cont.